

N¹⁵

REVISTA DO NORTE

RECIFE, 15 DE AGOSTO DE 1891

SOBRE A PHILOSOPHIA JURIDICA



Distingamos no direito o phemoneno social, que pode ser considerado um organismo, e a sciencia. O direito phemoneno, em sua qualidade de organismo tem os seus orgams (legisladores, juizes, etc.) seus tecidos (regras e institutos). Estes orgams têm funcções proprias e esses tecidos as suas propriedades peculiares. Isto mostra que não é fóra de proposito falar de uma anatomia e uma physiologia do direito, nem tam pouco de uma psychologia, pois que o phemoneno juridico se revela em nossa consciencia sob uma triplice forma de emoção, idéa e volição.

O direito sciencia pode ser de preferencia chamado *jurisprudencia*, tomada esta palavra no sentido em que a comprehendia Uliano, de *justi atque injusti scientia*, e não na accepção de *usus fori* (1).

E' uma distincção elementar esta, por certo, mas quē devemos ter sempre em vista para não nos desencaminharmos em nossas observações. Nisto o direito não differe dos phemonenos do dominio da biologia e sociologia, os quaes todo têm uma historia propria e uma historia das sciencias que delles se occupam. E' que tambem elle é um ser vivo, embora de uma natureza especial, como a lingua.

Embora elementar, porem, a distincção que acaba de ser feita, entre o phemoneno e a sciencia do direito, nos habilita a rejeitar o conceito da *philosophia juridica*, tal como nol-o apresenta Schiata-

(1) E' uma sciencia romana. Que seu nome indique sua origem. Regeito, por isso, a denominação hellenisante de *dikaiologia*.

rella em sua contestação a G. Meyen. Não necessito de antecipar que, si afasto as idéas do jurista italiano, não será para adoptar as do philosopho tedesco, um hegeliano retardado que publicando, em 1884, "ma obra com o pomposo título de *Rechtsp hilosophie nach den Princípios der Wissenschaftslehre*, ainda procurou demonstrar que a *idéa de moralidade é a unidade primitiva* que vincula a familia humana; e quanto aos processos scientificos deixou-os completamente abandonados. Nem de hegelianos nem de krausistas me preoccuparei agora. Representam uma phase das menos fecundas no desenvolvimento do espirito humano, que ja passou definitivamente, deixando poucos vestigios. Voltamos, portanto, ao sympathico auctor dos *Presupostos del diritto scientifico*.

Para elle a sciencia do direito é o estudo do direito constituido *estudado sob o ponto de vista das razões especiaes que o determinaram*, podendo o estudo de cada um dos ramos do direito constituir outras tantas sciencias particulares. Esta concepção tem principalmente em vista accentuar a diferença que existe entre a sciencia do direito, a arte e a philosophia. Da arte juridica não fala o auctor citado, mas é claro que ella consistirá no conhecimento pratico das normas do direito positivo e em sua applicação aos casos occurrentes

E' da philosophia que Schiattarella nos dá um conceito inacessível. Ella deve esporci la *genesi e l'evoluzione del diritto*. E' pelo methodo que a distinguimos da sciencia. Para a philosophia o methodo é o *genetico-evolutivo*; para a sciencia o *analytico-descriptivo*.

Occorre logo interrogar: que logar ficará para a *historia do direito*? Não se applicará mais propriamente a esta a definição dada á philosophia? Não incumbe especialmente a esta ir buscar o germen do direito tal como se revela entre os selvagens e as civilisações pre-historicas para ascender d'ahi, comparando as diversas formas de manifestação juridica entre os povos, até chegar á eclosão ultima da consciencia moderna?

Parece obvio. E não se comprehende uma historia do direito por outro modo, quer ella abrace o direito em genero, quer se especiale a um instituto. Ao escriptor italiano não escapou essa objecção, mas seu espirito lucido se annuviou nessa occasião e não soube tirar se da difficuldade. A unica solução seria eliminar aquelle conceito da philosophia juridica.

O objecto da historia affirma elle, *é o studio della successione storica delle forme giuridiche (istituti) già belle e formate*. Não sei porque a historia do direito só ha de começar depois da constituição defini-

tiva dos institutos, quando a sua formação nos dará capítulos de alto interesse dramatico e muito instructivos para quem lhes deseja determinar a finalidade social. Além disso poderemos esquecer que actualmente a paleontologia ou archeologia jurídica, por outras palavras, a prehistoria do direito, é cultivada hoje com afan, somente explicável pelos grandes resultados que tem produzido? E será a prehistoria antes um ramo da philosophia do que um prolongamento da historia? Ninguem ousará dizer-o, acredito.

Não tenho necessidade de insistir. Está evidenciado que foi vítima de uma desastrada confusão de idéas o douto professor de Palermo. A historia é um auxiliar indispensável para a philosophia do direito, conviremos todos, é mesmo um dos esteios em que ella repousa e um luzeiro que lhe esclarecerá o cosmos jurídico; mas não se identificam, constituindo uma só, estas duas doutrinas.

F. Puglia viu as cousas por um prisma diverso e, procurando acomodar à philosophia particular do direito o conceito positivístico da philosophia geral, definiu-a como sendo *la sienza integrante dei resultati ultimi delle singoli sienze giuridiche e dei principii supremi della filosofia generale*.

Não me parece, porém ter sido mais feliz. Por grande que seja meu esforço, escapam-me sempre estes *resultados ultimos* das sciencias jurídicas, aliás tam claros e salientes nas sciencias abstractas, cuja seriação forma a hierarchia do saber humano. Não é que eu os confunda com os *ultimos principios do direito*, uma encabulhada de palavras gastas, com que ainda se enfeitiça Miraglia. Não; mas é que sciencias analytico-descriptivas e de applicação, como visivelmente são as que constituem a jurisprudencia, não se acham nas condições das sciencias abstractas, cujos principios mais elevados e geraes podem ser assimilados e transformados pela synthese philosophica, que ergue-se das segmentações do saber empirico, para nos dar uma vista de conjunto sobre o cosmos que, só então, adquire sua bella eurythmia natural.

Por outro lado, si a philosophia geral é a synthese mais elevada do saber humano que ella *generalisa, unifica e completa* de um modo abstracto e transcendental, como falar em uma sciencia que venha *integrar-lhe os principios supremos?* Teríamos uma abstracção quintessenciada, uma generalisação elevada à terceira dynamisação. Comprehender-se-ia um tal modo de ver em um adepto da metaphysica renascente, mas não em um neo-positivista declarado.

Deante do desvio de intelligencias bem nutritas e perspicazes

devo eu tambem me arreceiar de ser victima de uma pseudesthesia, muito commum aliás, nestas regiões afastadas e brumosas, mal illuminadas pelos clarões crepusculares das primeiras explorações.

Realmente até bem pouco era este o paiz predilecto, não direi dos sonhos, mas das especulações vaidosas dos que julgavam ter empolgado o corpo donairoso mas impalpavel da verdade absoluta. As primeiras abordagens dos methodos scientificos são de data recente.

Não obstante consigno aqui o meu modo de ver. Bem poderá não ser exacto, mas traduz um esforço para o reconhecimento da verdade relativa a que nos devemos resignar.

Philosophia juridica, entendo, é a sciencia que, nos dando uma vista de conjunto sobre as varias manifestações do phenomeno juridico, estuda as condições de seu apparecimento e evolução, e determina as relações existentes entre elle e a vida humana em sociedade.

Para nos dar essa vista do conjunto, unificadora das variações juridicas, a philosophia do direito estuda-o como força que opera a cohesão das molleculas sociaes, e se reflecte na consciencia dos individuos; destaca, da cerrada vegetação ethico juridica, as instituições fundamentaes e mais generalisadas, (como o Estado, a penalidade, a personalidade, a propriedade, a familia, a successão) e as considera debaixo de um ponto de vista abstracto. As condições de existencia e desenvolvimento do direito ella as reconhece applicando-lhe principios adqueridos pelas sciencias que estudam os seres vivos e especialmente pela psychologia, pela historia e pela sociologia. Depois disto não será difficult estabelecer a correlação entre as formas da vida do homem em sociedade e as formas do direito, no que nos será um guia seguro a historia illuminada pela philosophia geral.

Eis, em phrases rapidas, porem que me parecem sufficientemente claras, como entendo que deve ser essa porção mais bella da jurisprudencia, que denominamos philosophia juridica.

Seu apparecimento foi naturalmente posterior á constituição dos delineamentos geraes dos ramos concretos do direito. Assim como a esthetica foi creada depois da elaboração da poesia, da pintura, da architectura e da estatuaria; assim como a biologia presupõe a botanica, a zoologia, a medecina etc; tambem a philosophia juridica traduz um grão superior na evolução das sciencias do direito. A ordem natural é, sem duvida, a ascensão do concreto para o abstracto, do particular para o geral.

Isto, porem, não importa afirmar que devemos ensinar a philosophia juridica somente depois de ter iniciado o espirito do estu-

dante nas complicadas minudencias de todos os ramos do direito. Não, a ordem dogmatica pode, com vantagem, inverter a ordem genetica e partir deductivamente do geral para o particular, poupando aos neophytes custosas meditações e lertas peregrinações atravez da successão dos factos.

Penso deste modo.

CLOVIS BEVILAQUA.



A AUTONOMIA COMMUNAL



affirmei que a autonomia municipal seria uma anomalia entre povos de origem latina; mas o Sr. Lastarria entende que entre os povos modernos nada ha de latino senão a tradição politica, ou melhor, a mentira pela qual ha uma raça condemnada a não assimilar as instituições politicas e communaes dos povos de raça saxonica, e em seu entusiasmo e fogo de sangue hespanhol sob a acção dos raios do sol americano aconselha que "aqueles que comprehendem que a regeneração politica das nações modernas não pode operar se sobre o fundamento desta tradição, devem começar por abjurar raça e tradição, reconhecendo que hoje não pode haver povo, cujo sangue obrigue a supportar o antigo regimem e a renunciar á vida livre, da qual é base a vida communal".

O autor da *Politica positiva* teria razão se a autonomia municipal fosse realmente a base da liberdade politica, mas diz-nos a experien-cia dos acontecimentos que dentre os diversos aspectos da liberdade humana, a face politica foi proclamada pelo povo francez, que nunca se distinguio por autonomias municipaes.

E' o italiano Carle que, ocupando-se do genio dos principais povos do Occidente e do papel que elles têm representado na historia, escreve :

“ Infine, dei diversi aspetti della libertà umana *la libertà economica* ebbe ad essere proclamata dall'Inghilterra, *la libertà di pensiero e de coscienza* dalla Germania, e *la libertà civile e politica* della França ”.

Bem razão, pois, tinha Tobias Barreto para em 1881 dizer que “a liberdade política é um producto de factores diversos, nuncipalmente, uma somma de centenas e centenas de municipios autónomos ”.

“ No estado actual da civilisação, continua o regenerador da nossa vida intellectual com um raro espirito de observação e de critica, em presença dos grandes corpos nacionaes, que tem uma existencia propria, o municipio tem apenas uma individualidade anatômica; só pode viver com o todo e para o todo, de que faz parte. Ima falta de criterio, para não dizer uma falta de senso, que não raro toma as proporções de um disparate inqualificavel, andar á todo proposito, como é costume entre os politicastros do dia, invocando a autonomia communal contra os males que se fazem sentir nos governos centralisados. Não é mais lícito deixar-se arrastar por semelhante illusão. A felicidade de um povo está muito acima do galho d'onde pende o fructo idyllico da vida municipal, autónoma e independente ”.

Para mostrar que a autonomia municipal não é a base da liberdade política sirva de exemplo a Russia, onde impera um brutal despotismo politico a par da mais livre organisação communal.

Nem se diga que entre os slavos a autonomia local é uma instituição que não existe senão nos decretos dos czares, sem que se tenha procurado dar-lhes fiel execução.

Desde Pedro o Grande que se persiste n'este sentido, e sob a iniciativa dos seus sucessores, com acquiescencia das diversas camadas sociaes, é que se têm operado as reformas alargando as regalias municipaes.

Se não trata-se de uma creação do genio nacional tambem não se trata de uma dessas invasões de instituições estrangeiras em oposição as tendencias e aspirações da massa popular.

Note-se que na Russia não se tem limitado a copiar como entre nós a organisação dos Estados Unidos. O que Pedro o Grande procurou realizar foi assegurar ás comunas a independencia da admi-

nistração municipal sem comprometter os elementos da nacionalidade russa.

Ali não se deixou de attender ao estado social, nem aos costumes, nem ás tradições para implantar a ideia nova e tornal-a fecunda; mas a experiencia veio demonstrar que as medidas inaugurateas não tinham que produzir fructos que não podiam mais realisar-se attentos as novas condições sociaes, e que não ha corelação entre franquias municipaes e liberdades politicas, uma cousa não implicando a outra.

A questão de liberdade civil e politica, geral ou local é antes de tudo uma questão de caracter ethnico.

E' não tanto o grau de civilisação como a indole propria da raça que assegura a practica das instituições politicas.

Por não se querer conhecer esta verdade, é que vemos tantas reformas inuteis, quando não produzem maus resultados.

Sem a energica iniciativa individual dos ánglo-saxões, aquelles povos que têm procurado assimilar-lhes as instituições, outra cousa não hão conseguido senão o delinhamento da acção fecunda e creadora do todo collectivo social.

Entretanto é o bemestar do todo que é preciso determinar e implantar: nos organismos sociaes humanos é a cohesão, a solidariedade entre as partes componentes, que transforma os grupos de individuos em communas, as communas em estados e os estados em humanidade.

“ A felicidade para cada um e para todos, diz um valente escriptor, não começa senão quando os homens, animados de um pensamento commun se unem n'um esforço commun para attingir um fim commun. Onde estará esse fim commun n'uma sociedade composta de individuos não pensando senão em sua salvação particular, por conseguinte em sua felicidade propria” ?

Unidade no tempo, unidade no espaço, harmonia no todo deve ser a consciencia viva d'aquelles que constituem a collectividade humana.

(Continua)

ARTHUR ORLANDO.

O livro da vida



inhas tres folhas este livro. Ousada
Visão de gloria encheo-o na primeira
Mas, quando a morte crença derradeira
Cahio, manchou-a; e vêde-a : está manchada !

A segunda, escreveo-a a desvairada
Sêde de goso, ardente, aventureira ;
Mas ai ! Da dôr a garra traiçoeira,
Para sempre rompeu-a ; e eil-a rasgada !

Resta uma folha só. Que importa ! A fama
Ou dos prazeres a doirada chamma
Já não mais queima um coração de neve...

Mulher que eu busco no passar da festa,
A folha branca que em minh'alma resta,
Espera anciosa um nome; é o teo, escreve !

GERVASIO FIORAVANTI.



A PHILOSOPHIA POSITIVA

E O SEU DESENVOLVIMENTO ENTRE NOS (*)

(ESBOÇO)

Savoir pour prevoir a fin de pourvoir.

(Preceito comteano)

I



ra em plena manhã do seculo XIX.

O mundo inteiro submettia-se com uma estoica passividade de ilota á elaboração dissolvente da metaphysica, que tinha dado por terra com as theocracias primitivas e com as instituições medievaes.

A Europa toda estremecia, sacudida peias lufadas potentes do vento destruidor que caracterisa esse periodo de transição, e a velha terra dos mysterios druidicos sentia ainda, na escuridão sonora do tempo que fugira, o surdo rumor estertorante que lhe legara a passagem de sua revolução, sanguinolenta mas productiva.

Andavam por todas as cabeças umas aspirações indefinidas de liberdade, filhas da Reforma e filhas da Encyclopedia. Finalmente, o espirito moderno agitava-se n'um cahos feito dos detritos das velhas idéas e dos principios luminosos que o seculo de Voltaire revolvera.

Mas as grandes verdades demonstradas que até ahi pairavam desordenadamente em uma desaggregação impossivel, e que constituiam o accúmulo, já consideravel, de positividade das gerações preteritas, estavam reclamando os seus direitos.

Os discipulos da grande escola de Alexandria; Copernico, Newton, Galileu, Lavoisier e Bacon ; as mathematicas, a astronomia, a physica e a chimica ; estavam pedindo o seu valioso ingresso nos arraiaes do pensamento por vir.

Havia, por consequencia, necessidade de que surgisse na Europa, em uma das fortes nações do Occidente, um grande cerebro e um grande coração que podesse extrahir desses elementos dispersos, mas fecundissimos, um novo criterio philosophico e um alicerce seguro para os novos con hecimentos.

(*) Este estudo constitue um capítulo do livro inedito: *Brados e Golpes*.

E não se deixou de completar a evolução á falta desse genio. Elle apareceu; chamava-se Izidoro Augusto Maria Francisco Xavier COMTE e trazia na face a consagração solemne da universalidade dos emprehendimentos titanicos e generosos : — o martyrio.

Quando em 1826 a França apresentou-o pela primeira vez (1) ao mundo, alçando o attestado immorredouro de sua gloria, — a systematisação positiva dos conhecimentos de então, a qual trazia uma concepção do universo puramente humana, é uma intuição severa da vida de hoje, — perpassou pelas almas das nacionalidades contemporaneas um sopro alentador de entusiasmo e de coragem.

E' que a Galia antiga rasgara na tela azul do progresso uns horisontes immensos e nunca vistos. E' que, por uma especie de heterogenia original e seductora, brotara repentinamente d'entre as sombras passadas o offuscante explendor do *terceiro estado*, que se realisava á vista de todos.

E a philosophia Positiva, que no actual momento historico avassala as nações e domina as vontades, adiantou-se então, serena, magnifica, incorruptivel ; derramando no seio dos povos as lições da observação e da experientia e reconstruindo a vida social em suas multiplas manifestações !

* * *

Para apreciar os traços profundos e vencedores que essa enorme eclosão do talento de um homem produziu logo depois de sua vulgariseração, e principalmente para avaliar a actividade mental que ella estendeu até as mais remotas paragens, ao ponto de ter chegado á atrasada patria brasileira; faz-se necessário que em historia aqui, ainda mesmo por alto, em esboço, a synthese concebida e praticada pelo eminente creador do que, com venia de Quetelet, se poderia chamar a *physica social*.

Emprehendo, pois, essa tarefa difficult, deixando para a parte final deste pequeno trabalho a ligeira noticia, que pretendo dar, do

(1) Theophilo Braga, nos *Traços geraes de Philosophia Positiva*, data o aparecimento dos trabalhos de Comte, isto é, a exposição do programma do *Curso Positivista*, do anno de 1822. Littrè, porem, e o proprio Comte declaram no volume que tem o titulo de *Principes de Philosophie Positive*, que aquelles trabalhos foram expostos em 1826. Supponho que Th. Braga referiu-se, ao dar o apontamento de que fallo, á diminuta edição de um " *Sistema de Politica Positiva* " que Comte publicou em Maio de 1822.

desenvolvimento que têm tido entre nós as idéas do philosopho que ora me occupa.

Antes, porém, umas observações :

As linhas que vou traçar hão de parecer á muitos dos que notarem a minha admiração pelo grande fundador da Philosophia Positiva, um protesto de adherencia completa á todas as suas idéas.

Não é assim. E'-me necessário afirmar que não sigo as pisadas do Sr. Laffitte, não aspiro as honras de discípulo *orthodoxo* do positivismo, não aceito de todo a *religião da humanidade*, e nem rejeito o *facto biológico da população*, como base da Sociologia, para aceitar o fundamento que lhe deu Comte. (2)

Ainda mais: Na enumeração dos poucos escriptores brasileiros que se têm mostrado á frente da moderna crusada scientifica, eu designarei como *positivistas* (tomada a palavra em seu sentido amplo) todos aquelles que se têm collocado acima dos prejuizos do tempo e fugido á accão das influencias theologico-metaphysicas do nosso *meio*.

Faço c, porque tenho de me referir á homens que, aceitando os fundamentos e as verdades geraes da escola que abraço, são entretanto: uns adeptos do transformismo, outros positivistas ingleses com Spencer e Mill, outros seguidores das doutrinas materialistas e monisticas da Allemanha (3)

* * *

D. C. Rossi, autor de um magnifico livro de propaganda scientifica e de crítica positiva, referindo-se á Carlos Darwin, o profundissimo autor da *Origem das espécies*, escreveu as seguintes phrases, cheias de verdade e de brilho :

“ Il est des hommes dont le génie a tenté la puissance d'un élément électrique; ils ébranlent l'édifice des vieilles croyances; changent le cours des idées, transforment la science, éclairent les masses, et le retentissement de leur nom se propage comme les ondulations de l'éther en présence d'un météore igné”. (4)

Si estas vigorosas palavras fossem ditas com referencia á Augusto Comte, apezar do cunho de força que trazem impresso em si

(2) Veja-se a *observação* que vem no fim deste estudo.

(3) Veja-se ainda a *Observação*.

(4) D. C. Rossi: *Le Darwinisme et les générations spontanées*, Paris, 1870.

mesmas, talvez que lhes desmaiisse o colorido, tentando exprimir toda a grandeza e resultados das idéas com que esse homem superior dotou a humanidade.'

Creio mesmo que elas apenas poderiam dar-nos um reflexo muito livo de toda a extensão desse abalo, produzido nas sociedades contemporaneas pelo evento da nova doutrina.

Tal é a magestade enorme e deslumbradora que eu sinto irradiar desse complexo methodico e organizado de verdades verificadas e de deducções rigorosas !

* *

Não escrevo uma biographia. Não narro, por isso, as lutas obscuras, intimas, dolorosas, que teve de sustentar com o *meio* que o cercava o cerebro poderoso de Augusto Comte, desde as suas locubrações escolasticas até a sua morte ignorada e pobre. (5)

Tambem não me abalanço á um apanhado completo de todas as obras do philosopho. Por isso vou fallar só da primeira dellas, deixando de me referir á *Politica Positiva*, á inacabada *Synthese Subjectiva* e ao *Cathecismo Positivista*.

O primeiro volume do *Curso de Philosophia Positiva* appareceu em 1830, quatro annos depois da exposição em publico do programma desse curso. O ultimo publicou-se em 1842. E só então foi que se poude avaliar todo o peso, a importancia inteira desse trabalho genial, dessa concepção de gigante. Digo, só então, porque nos tres primeiros volumes da obra o autor occupou-se com as philosophias particulares da Mathematica, Astronomia, Physica, Chimica e Biologia, reservando para o fim as suas admiraveis creações e generalisações sociologicas.

Ha na construcção de Comte, nessa admiravel systhematisação de todas as sciencias que podem supportar este nome, — dois alicerces profundíssimos que se acham lançados nos penetraes da So-

(5) Comte nasceu em Montpellier á 19 de Janeiro de 1798, casou-se na idade de 27 annos com Mlle. Massim e falleceu á 5 de Setembro de 1857. Seus paes foram Laiz Comte e Rosalma Boyer.

Ha ahi uma porção de obras biographicas que dão todas as notícias dese-
javeis sobre o philosopho. Procure-se, por exemplo, *Auguste Comte et la Philosophie Positive*, de Littré, o livro do Dr. Robinet, o de Lonchampt, etc. A quem desejar um resumo biographico claro, completo e em portuguez, recomendo o opusculo de T. Bastos ; — Comte e o Positivismo,

ciologia, e d'onde se alteia o resto do edificio n'uma fascinação imensa, architectonica.

São os dois principios constatados, evidentes, verídicos e fundamentaes, que se denominam: — a *Lei dos tres estados* e a *Classificação hierarchica dos conhecimentos humanos*.

Ambos elles têm sido batidos pela onda da critica, quer reaccionaria, quer adiantada. Mas continuam de pé e sem estremecerem: com a solemne impavidez das cousas verdadeiras. E' o facto.

O primeiro principio é a asseveração de que todas as idéas, sentimentos e actos da humanidade em geral, como do homem em particular, manifestam-se em tres phases successivas de suas consciencias de povos ou de individuos. E' a classificação das concepções e acções humanas como *theologicas*, *metaphysicas* e *positivas*, e a divisão das creações theologicas em *fetichistas*, *polytheistas* e *monotheistas* (6).

O segundo dos principios citados é a organisação historica e dogmatica da escala que devem ocupar modernamente as sciencias em um estudo methodico e consciencioso, nas suas relações de dependencia mutua e decrescente. E' a systematisação dos nossos conhecimentos, seguindo um principio de Descartes, (7) em: *Mathematicas*, *Astronomia*, *Physica*, *Chimica*, *Biologia* e *Sociologia*.

Falla o mestre:

“ Todas as nossas concepções passam successivamente no individuo como na especie por tres estados, designados commumente pelas denominações de estado theologico, metaphysico e positivo. O primeiro é provisorio e applicado ao conhecimento imperfeito do que existe; o segundo é apenas uma modificação dissolvente; só o terceiro é definitivo :” (8)

E' esta a *lei* que o insigne reformador das velhas intuições do mundo achou plenamente comprovada entre as civilisações que se têm sucedido no decurso do tempo.

E' tambem a grande *lei da evolução* que, sem maldizer o pas-

(6) E' conveniente observar, para responder logo á uma objecção tão frequente quanto sem fundamento, que a *Lei dos tres estados* foi observada e constatada por Comte somente na civilisação aryana e occidental, que é a nossa e a unica perfeitamente desenvolvida. Nos povos physiologicamente incapazes de progredir, como os africanos e australios e nas grandes populações da Asia, só materialmente progressivas, como as da China, da Judea e do Japão, a referida *lei* não se realisa. Mas é que n'uns povos, condições excepcionaes e poderosas os fizeram estacionar.

(7) Vid. Th. Braga: *Traços geraes de Philosophia Positiva*.

(8) Vide Aug. Comte: *Cours de Philosophie Positive*, ou *Do Espírito Positivo*, trad. de R. de Mendonça. S. Paulo, 1880.

sado, nos afastá deste e nos encaminha para o progresso e para o futuro.

Com o auxilio della, quer se a divida com Littré nos periodos das *necessidades*, da *moral*, da *arte* e da *sciencia*; (9) quer se aceite a opinião de um outro escriptor contemporaneo (10) que o distribue nos estados denominados das *sensações*, dos *sentimentos* e das *noções racionaes*; quer n'um quer n'outro caso (que aliás lançam mais luz sobre a exposição incontrastavel de Comte), o homem de hoje acha-se habilitado á fazer a critica exacta, recta, judiciosa, de todas as religiões com as suas concepções imperfeitas do universo, e de todas as aspirações metaphysicas em qualquer um dos seus vôos viciosos e sophisticos.

E isto porque : -- em primeiro logar, a crença n'um só principio sobrenatural (?), que domina ainda hoje, significa apenas a manifestação mais adiantada de um *estado* mental que já morreu. Fallo do *monotheismo*. E em segundo logar, porque o periodo intermedio entre o *theologico* e o *scientifico* ha muito que se acha banido das especulações sensatas pelos bons espiritos modernos.

(Continua)

IZIDORO MARTINS JUNIOR

(9) *Fragments de philosophie positive.*

(10) Th. Braga, nos *Traços Geraes*.

VOLTAIRE

A MR. LE BARON G. D'HRPENT



Quand il faisait vibrer son mâle éclat de rire,
Rempli de la gaieté bruyante de son cœur,
Et qu'il le déroulait, à leur subite horreur,
Aux fronts des saints prêcheurs de l'éternel martyre

C'était comme l'atteinte atroce de l'orage,
Lorsqu'il souffle du nord la cime des rochers.
Et l'on pouvait alors compter, par milliers,
Les sacrosaints débris dans leur cruel ravage.

Et même aujourd'hui, quand elle se promène,
L'ombre du grand rieur, dans la nuit sereine
Des modernes gardeurs des plaintes du Calvaire,

Résonne au milieu des sourds gémissements,
D'atroces cauchemars, dans leurs cruels tourments
Ce grand cri de la foi, le nom d'un mort, — Voltaire !

COSTA NETO.

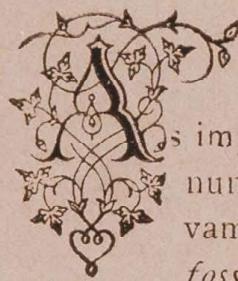
O HOMEM TERCIARIO

Pendant le tertiaire existait un être assez intelligent pour faire du feu et pour se fabriquer des instruments en pierre.

(Mortillet—*Le préhistorique*, p. 628)

Foi um homem provavelmente ja de todo seguro na attitude vertical, alálo ainda, quasi bruto e coberto de pellos : foi esse o rei da creaçao no paraizo miocéne da Europa

(O. Martins — *El. de Anthropol.* p. 80)



As importantes descobertas que se têm realizado no campo nunca assaz explorado da Archeologia Prehistorica, provam, de um modo irrefutavel, a existencia do *homem fossil*.

Cuvier negando-a, não conseguiu, apezar de toda a sua auctoridade e competencia, impedir que a verdade triumphasse por fim.

Mais uma vez a oposição systematica, representando conveniencias que as conclusões scientificas não devem absolutamente respeitar, procurou impedir ou pelo menos retardar o desenvolvimento de uma verdade que afinal, como sempre acontece, devia impor se ao espirito refractario daquelles mesmos que a rejeitavam.

A opinião dos defensores do *homem fossil* não ficou sepultada no pó das tentativas malogradas ; não. A voz imperiosa dos factos abafou para sempre a de Cuvier e de seus adeptos. O *homem fossil* venceu. Negados os seus vestigios apresentados por Amy Boué em 1823, foram depois descobertos e apresentados novamente por Tournal, conservador do museu de Narbonna (1828), Christol (1829), Schmerling (1833), Joly (1835), Marcel de Serres (1839), Aymard (em 1844) e por Lund, no Brazil (1).

(1) Vide *Le monde avant la création de l'homme*, por Flammarion p. 805, Elem. de Mineralogia e Geologia por F. A. Xavier de Alm. 172, O homem fossil da Lagôa Santa por Lacerda (artigo publicado na Revista Brasileira).

Foi, porem, Boucher de Perthes quem deu o golpe decisivo que assignalou o triumpho do *homem fossil*. Descobrindo (1840) alguns *silex* nos depositos quaternarios do valle do Somma, animou-se a novas pesquisas que deram o mais feliz resultado.

Publicando em 1847 as suas "Antiquités celtiques et antediluvaines", onde dava conta de seus primeiros trabalhos, e sendo friamente acolhido, continuou em suas investigações e a 28 de Março de 1862 encontrou, no mesmo valle do Somma, perto de Abbeville, a queixada de um homem quaternario.

Esta importante descoberta, que assumiu entre os naturalistas as proporções de um verdadeiro acontecimento, fortaleceu-se com os esforços de E. Lartet, Pestwich, Evans e C. Lyell, decidindo em favor do homem quaternario a lucta que travaram com elle os representantes da sciencia official.

Os archeologos não ficaram de todo satisfeitos convencendo-se da existencia do *homem fossil*. Longe de dormir á sombra desse primeiro triumpho, empenharam-se em uma nova lucta.

Reconhecendo a possibilidade da existencia do homem no periodo terciario, rasgaram as entranhas da terra, exploraram os terrenos desse periodo geologico, interrogando-o ácerca da existencia delle.

A tarefa era por demais difficult: exigia grande somma de actividade, innumeros sacrificios e não offerecia compensação alguma que podesse animar aos que a tomassem ao hombro. Emtanto aquelles pacientes investigadores entregaram-se a ella, affrontando todas as dificuldades que se lhes antepunham, e visando apenas o descobrimento da verdade — a maior das recompensas para os operarios da Sciencia.

E o alcançaram brilhantemente. O homem terciario triumphou; e o seu triumpho, para o qual concorreram poderosamente Denoyers e outros, é devido principalmente ao espirito eminentemente investigador e perspicaz do abbade Bourgeois cujos trabalhos, baseados em factos incontestaveis, levaram a convicção a muitos espiritos indecisos e mesmo descrentes.

A principio achou-se completamente isolado no terreno de suas investigações, mirando os largos horisontes que elles haviam aberto á sciencia, e apontando com orgulho de triumpho os vestigios do

homem miocéne. Os risos sarcasticos da descrença que de todos os lados vinham echoar em seus ouvidos não o fizeram desanimar um só instante.

Revestindo-se dessa perseverança de que sóem armar-se os grandes luctadores, os heróes de uma idéa, quando empolgam a certeza de alcançar a gloria, o exito de que os mais duvidam, proseguiu em seu trabalho e conseguiu enfim ver os sabios mais abalizados partilharem suas opiniões.

Descobrindo nos depositos terciarios de Thenay diversos silex, uns talhados e outros queimados *intencionalmente*, o que atestava a existencia de um ser que conhecia o fogo e possuia uma certa industria, embora embryonaria, o celebre abbade annunciou ao mundo scientifico a descoberta do homem miocéne. As suas communicações, attrahindo a attenção dos mais distinctos paleontologos, abriram margem a importantes discussões scientificas que concorreram para augmentar o numero dos seus adeptos; e a existencia do homem terciario, admittida por d'Omalius, Quatrefages, Cartaillac, Capellini, Worsaac, Engelhard, Schmidt, Franks, etc., foi depois confirmada pelas descobertas de silex que realizaram Rames nas aluvões do Puy-Courny e Carlos Ribeiro em Portugal (2).

Este ultimo, que ja havia apresentado em Bruxellas (1872) diversos silex descobertos no valle do Tejo, leu no congresso reunido em Pariz (1878) uma importante memoria sobre as formações terciarias em Portugal, e apresentou novos silex. Foi então convocado o congresso para Lisbôa onde realizou-se effectivamente (1880); e, depois de um estudo serio e aprofundado, seguido de discussões luminosas, concordaram com as opiniões de C. Ribeiro os Srs. Capellini, Cartaillac, Belluci, Delgado e G. de Mortillet.

Mortillet, que segundo elle proprio declara, foi um dos primeiros convencidos por Bourgeois, é de opinião que "os animaes intelligentes que sabiam fazer fogo e talhar pedras na epocha terciaria não eram homens na accepção geologica e paleontologica da palavra."

A este ente cujos vestigios foram encontrados em Saint-Praist, Thenay, Puy-Courny e valle do Tejo, dá Mortillet o nome de ANTHROPOPITHECO, ser intermediario que é alguma cousa mais que o anthropoide embora ainda não seja homem,

(2) O. Martins — E. de Anthropol. (noticia do Congresso)

Pode-se, pois, afirmar com os mais notaveis paleontologos, que nos terrenos terciarios da Europa, pelo menos em alguns delles, existia um homem, ou proto-homem que alem de conhecer e utilizar-se do fogo, sabia servir-se de armas de defesa ou mesmo de ataque, embora grosseiramente preparadas, e que, destacando-se dos anthropoides pela attitude vertical que adquerira, era em tudo semelhante aos microcephalos e cretinos que, por um phénomeno de atavismo, se têm perpetuado até os nossos dias. "Tous les pas que nous faisons sur notre mère, la terre, nous conduisent au dessus des sépultures de millions d'êtres qui ont vécu des millions d'années avant nous et qui sont morts en laissant leurs traces, leurs débris ou leurs empreintes dans la masse de pierres qui s'étend sous nos pieds." (3)

A sciencia deve muito á ousadia sublime desses homens que, levados unicamente pelo desejo de tuão saber, de descobrir a verdade que a natureza occulta no manto mysterioso de seus segredos; rasgam as entranhas da terra, procurando as folhas dispersas dos primeiros periodos da historia da humanidade perdidas nas estratificações geologicas.

E elles entregam-se a tão penoso trabalho sem o menor interesse, somente com o fim de encontrar os vestigios que os nossos antepassados das cavernas deixaram nas camadas geologicas, e recolher os restos mortaes desses infelizes que pereceram na enorme lucta a que se entregaram para preparar a grande obra da evolução.

Esse vestigios que a Archeologia Prehistorica nos mostra nas camadas geologicas são documentos postumos da existencia dos heróes que succumbiram na concarrencia vital dos primitivos tempos, são como que os tumulos dessas gerações de bravos que, nos precedendo no theatro da vida, prepararam a nossa felicidade, pugnaram pelos nossos interesses.

E esses heróes que tanto fizeram pelo desenvolvimento da especie a que pertencemos, esses bravos que empregaram toda a actividade em prol do seu levantamento, ainda estariam nos tumulos onde foram sepultados, ainda se conservariam no mundo do desconhecido, si os operarios incansaveis da obra que elles começaram não

(3) Buchner — Sc. et Nature, trad. de A. Delondre.

tivessem ido ao seu encontro, entregando-se ao penoso trabalho de rasgar o seio da terra que os occultava assim de apresental-los ás gerações para cujo desenvolvimento concorreram com o sacrificio de sua propria vida.

Merecem toda a veneração esses infelizes — testemunhos posthudos das luctas em que se empenharam as gerações passadas, titanicas luctas em que elles foram talvez os maiores bravos, e cujos felizes resultados tanto nos aproveitaram.

Cercados por todos os lados de innumerias difficultades, não encontrando em si nem no meio em que se achavam nenhum recurso para a satisfação de suas necessidades, souberam entretanto lutar com vantagem, e fazer das suas luctas um verdadeiro tirocinio.

Entregues primitivamente aos seus proprios esforços, como ja dissemos, cercados de necessidades cuja satisfação exigia conhecimentos que lhe falleciam completamente, conseguiram, entretanto, libertar-se pouco a pouco das difficultades que o assaltavam, rasgando cada dia uma parte do véo da ignorancia que os envolvía (4). Si não conseguiram attingir ao desenvolvimento do homem que fez as *facas, pontas de lança e os martellos* do periodo seguinte — *o pliocéne*, têm entretanto o grande merecimento de haver operado a revolução de que fala O. Martins (5) e que firmou a sua supremacia sobre todos os animaes seus contemporaneos.

SOLIDONIO LEITE.



(4) Discurso pronunciado no Gabinete Portuguez de Leitura a 15 de Agosto de 1889.

(5) Imaginar a primeira arma, inventar a primeira ferramenta, degustar a primeira carne, importam uma revolução total nos habitos, na capacidade, no futuro reservado a esse novo typo animal que se destacara dos anthropoides, etc — Ob. cit. pag. 89.

AS TREVAS (*)

POESIA DE LORD BYRON

Versao do original Inglez

POR

ESMERALDINO O. DE TORRES BANDEIRA



Eu tive um sonho que não era inteiramente um sonho. Extinguira-se o sol; as estrelas sem raios e sem orbita erravão bruxoleiantes no espaço eterno; a terra gelada balouçava-se cega, trevosa n'um céo sem lua; vinha a manhã, ia e voltava ainda, mas um dia siquer não irradiaava; os homens haviam esquecido suas paixões ao terror de tal desolação; os corações enregelavão-se n'uma supplica egoistica, implorando luz; e todos viviam acercados dos grandes fogos que atêavam; os tronos, os palacios, as choupanas, as habitações de todo genero eram queimadas para aclarar as trevas; incendiavam-se cidades inteiras e os habitantes reuniam-se em torno de suas moradas ardentes para verem-se uma vez ainda. Felizes os que viviam proximos dos vulcões e de sua cratera luminosa! Uma temerosa esperança era tudo que restava ao mundo. Puseram fogo ás florestas, mas d'instante a instantes elas abatiam e desappareciam os troncos crepitantes extinguiam-se com um estalido atterrador — e depois.... tudo era noite. Essa luz desesperadora reflectindo-se em scintillações fugitivas sobre a face dos homens, revestiam n'a d'um aspecto sobrenatural. Uns, que estavam deitados, occultavam os olhos e choravam; outros apoiavam a barba sobre as mãos crispadas e riam; alguns, emfim, moviam-se aceleradamente, ateavam as pyras funerareas e n'uma anciedade desesperançada erguiam os olhos para o céo sombrio — mortalha

(*) Este é o terceiro da serie dos poemas de Byron, cuja traducao empreendemos.

de um mundo morto; depois, irrompendo em imprecações blasfemas, atiravam-se sobre a poeira, rangendo os dentes e ululando. Guinchavam os passaros bravios, e tranzidos de terror, esvoaçavam sobre o chão, deixando cahir suas azas imprestaveis. Viam-se mansos e tremulos os mais ferozes animaes; ouvia se o silvo dos reptis venenosos que inoffensivos rojavam-se e encaracollavam-se em meio a multidão, que os matava para servirem de alimento. A Guerra que por um momento desapparecera, cevára-se novamente. Um repasto foi comprado a sangue e cada um sentára-se misantropo á parte, saciando-se nas sombras. Não existia amor; o mundo inteiro era uma idéa só -- a morte immediata, ingloria... As torturas da fome aguilhoavam todas as entradas. Mortos os homens, seus ossos, como suas carnes, ficavam insepultos; os magros eram devorados pelos magros, até os cães assaltavam seus senhores; todos, excepto um unico que conservava-se fiel a um cadaver e fazia guardar distancia ás aves, aos animaes e aos homens esfaimados até que a fome os fazia succumbir ou o cahir d'outro cadaver sevava suas maxillas descarnadas.

O cão não mais procurou alimentar-se e exhalando um grunhido pungente, prolongado, n'um uivo rapido e desolado morreu, lambendo a mão que não lhe respondia mais uma caricia. Gradativamente ia esfaimando-se a multidão inteira, d'uma cidade imensa só dois homens sobreviveram-se; eram inimigos.

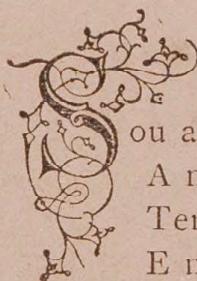
Encontraram-se em torno d'uns miseraveis despojos fumegantes d'um altar onde fora acumulada quantidade de objectos sagrados para um uso profano. Tranzidos de frio, elles juntavam e revolviam com suas descarnadas mãos, as cinsas ainda quentes; seu fraco halito, agitando o ar por um instante, produziu alli uma chama ephemera -- verdadeiro escarneo. Ao scintilar da labaréda, elles ergueram os olhos e contempláram-se; viram-se, gritaram e morreram: morreram ao terror de sua mutua hediondez, ignorando ambos quem era aquelle sobre cuja fronte escrevera a Fome — Maldicto.

O mundo era deserto e d'aquelle universo potente e populoso restava apenas a amalgama onde não passavam estações, não germinava herva, não se erguiam arvores, não viviam homens, não se agitava a vida; — uma amalgama de morte, um cahos d'argila esteril. Os rios, os lagos e o oceano eram immoveis, nada volvia em seu abysmo silente. Os navios, sem tripolantes, apodreciam sobre

as agoas e cahiam em pedaços seus mastros alterosos ; ao cahirem, dormiam sobre um abysmo eternamente immovel.

As vagas eram mortas; as marés jaziam sepultadas e sua amante, a Lua, de muito as precedera; os ventos cessaram e as nuvens esvaeceram-se no ar estagnado: as Trevas não precisavam de seu auxilio — Ellas eram o Universo.

— — — — —
○ **Novo**



Sou assim como um mendigo
A me arrastar pelas ruas :
Tenho as cóstas semi-núas
E nem siquer um amigo.

E quando os campos têm flores
E as flores gôttas de orvalho,
Eu tenho o peso de um malho
Entre rios de suóres

Quando toda a Creação
Escuta o cantar dos ninhos,
Eu ouço a voz dos filhinhos
Que accordam pedindo pão.

De tudo tenho descrido
Nesta misera existencia.
Na lucta contra a indigencia
Me sinto quasi vencido.

Em tanto a sociedade
— Essa filha da Utopia —
Me falla em *Democracia*,
Direito e *Fraternidade* !

Cansado da escravidão
Do *sagrado* Imperador,
Me déram novo *senhor*
E o nome de *cidadão*

Assim me vou arrastando
No lamaçal desta vida,
A alma desilludida,
O corpo se definhando.

Então zombo da *egualdade*
De Christo e de Mirabeau
E grito como Rousseau :
“ Maldida *Sociedade* ! ”

PINTO DE ABREU.

N16.

REVISTA DO NORTE

RECIFE, 30 DE AGOSTO DE 1891

NOTAS SOBRE A CRIMINALIDADE NO ESTADO DO CEARA'

(AO DEZEMBARGADOR PEDRO DE QUEIROZ)

I

NOÇAO DO CRIME



omeçarei firmando algumas idéas sobre o modo de comprehendere explicar o crime.

A idéa de considerar o crime como um producto da sobrevivencia da vida selvagem, como um phenomeno bem caracteristico de atavismo, que foi o ponto de partida dessa brilhante e numerosa eschola italiana que tem por chefes Lombroso, Ferri, Garofalo, Marro, Fioreti parece ter feito sem tempo. Os golpes certeiros da critica manejada por Colajani, Tarde e Joly levaram a convicção mesmo aos centros orthodoxos. Em França esta idéa capital da theoria lombrosiana foi, desde os primeiros momentos posta, por assim dizer, em reserva. O proprio Lacassagne, o illustre professor de medicina legal em Lyon, que é, embora dissidente, o mais illustre representante da *nuova scuola* na Republica Franceza, oppoz, á hypothese do atavismo, a da suspensão no desenvolvimento do individuo e da degenerescencia, que parece ter ultimamente conquistado maior numero de adhesões.

Mas ainda que se admitta como verdadeira a theoria do criminologista francez, ainda que consideremos os criminosos natos como individuos cujo desenvolvimento normal foi sustado por quaesquer